UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA
MONOGRAFIA

Pesquisa e documentação são o caminho:

O dilema das armas de Chico Diabo.

Gustavo Steiernagel

Pelotas, 2012

Gustavo Steiernagel

Pesquisa e documentação são o caminho:

O dilema das armas de Chico Diabo.

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof.ª. Drª. Carla Rodrigues Gastaud.

Pelotas, 2012

A BANCA EXAMINADORA, ABAIXO ASSINADA, APROVA A MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Pesquisa e documentação são o caminho:

O dilema das armas de Chico Diabo

Gustavo Steiernagel

Banca examinadora:

Prof.ª. Drª. Carla Rodrigues Gastaud (orientador)

_____

Prof. Ms. Diego Lemos Ribeiro

_____

Pelotas, 2012

Agradecimentos

A experiência da graduação foi certamente uma das mais ricas que tive em minha vida, uma jornada em busca do desenvolvimento intelectual que partilhei ao lado de bons amigos que jamais haverei de esquecer.

Considerando esta monografia como resultado de uma caminhada que não começou na UFPel, agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa. Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Aos meus Pais, Silvio Steiernagel e Reni Steiernagel Jost, incansáveis guerreiros que fizeram o possível, e às vezes o impossível para me dar as condições de hoje estar onde estou, agradeço infinitamente todo amor, carinho e devoção.

Aos amigos que fiz durante essa jornada agradeço imensamente. Em especial aos antigos colegas Eder Oliveira e Matheus Cruz que deram o empurrão necessário para que eu chegasse à formatura.

A minha orientadora Prof.ª. Drª. Carla Gastaud que foi fundamental na construção deste trabalho, depositando confiança na minha capacidade de corresponder às expectativas.

A equipe e direção da Biblioteca Publica Pelotense pelo acolhimento e apoio no desenvolvimento do meu estágio e deste trabalho. Em especial ao Daniel Leal Barbier.

Aos professores que participaram da minha formação: Maria Leticia Mazzuchi Ferreira, Daniel Mauricio Viana de Souza, Caiuá Cardoso Al-Alam, Claudia Tomaschewiski, Diego Lemos Ribeiro, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, Wilson Marcelino Miranda, Noris Mara Pacheco Martins Leal, a todos o meu mais sincero agradecimento.

Vejo montanhas
E das montanhas tenho visões
De viagens que um dia fiz
Sinto na pele
Como se estivesse na pele
A marca de um tempo
De um tempo que agora é
saudade
Tem hora é que tenho
Que tenho certeza
O que é certo
É que nas montanhas eu vivo
E fui vivo
O que é certo
É que nas montanhas eu vivo
E fui vivo

Pedro Baldanza

Resumo

STEIERNAGEL, Gustavo. "**Pesquisa e documentação são o caminho: O dilema das armas de Chico Diabo".** 2012. 49 f. Monografia de conclusão de curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas.

Os museus de história podem ser espaços de constante e permanente exploração intelectual. Se pensarmos museus afinados com as boas práticas museológicas teremos por consequência riqueza de informações dispostas ao público visitante e atualização de seus arquivos e exposições com novas informações pertinentes, o que gera a contrapartida do público que sempre encontrará novidades em um local onde muitos pensam que sempre verão as mesmas coisas, do mesmo jeito. Busquei neste trabalho analisar as nuances possíveis no sentido de enriquecer contextualmente peças já significativas do acervo do Museu Histórico da Biblioteca Pública Pelotense: o revolver *Lefaucheux* de 12 tiros e a ponta de lança de meia lua que pertenceram ao Cabo Francisco Lacerda e podem ter participado dos momentos finais da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870). Justificando a necessidade premente dos processos de pesquisa e documentação museológica, foi realizado um apanhado geral dos escritos historiográficos sobre o evento e também se pesquisou a documentação em arquivo da Biblioteca. Revisou-se também, conceitos-chave de Museologia, tais como, documentação, comunicação e pesquisa, visando uma melhor gestão do Museu.

Palavras-chave: documentação museológica, comunicação em museus, Francisco Solano Lopez, Francisco Lacerda, gestão de acervos.

Abstract

STEIERNAGEL, Gustavo**. "Research and documentation are the way: The dilemma of Chico Diabo's weapons".** 2012. 49 f. Monografia de conclusão de curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas.

History museums may be considered space of constant and permanent intellectual exploration. If we think museums tune with good museum will therefore willing wealth of information to the visiting public and update your files and displays with new relevant information, which leads to the consideration of the public who always found new in a place where many think they always see the same things the same way. This study sought to analyze the nuances possible in order to enrich contextually already significant parts of the Museum of History Bibliotheca Public Pelotense: the revolver Lefaucheux of 12 shots and spearhead of half moon that belonged to Cape Francisco Lacerda and may have participated in the moments end of the War of the Triple Alliance (1865-1870). Justifying the urgent need of research processes and documentation museum, was made an overview of the historiographical writings about the event and also researched the documentation is on file with the Bibliotheca. It is also revised, key concepts of Museology, such as documentation, communication and research, aiming a better management of the Museum.
Key Words: Museological documentation, museums communication, Francisco Solano Lopez, Francisco Lacerda, management of museum collections.

Lista de figuras

Figura 1 - Ilustração da morte de Francisco Solano Lopez, foi publicada na revista..... 25

Figura 2 - Foto das armas do Cabo Francisco Lacerda (Lança).....27

Figura 3 - Foto das armas do Cabo Francisco Lacerda (Revolver).....27

Figura 4: Foto do Coronel Joca Tavares e seus auxiliares imediatos.....29

Figura 05: Foto da legenda.....34

Figura 06: Ponta de lança de cavalaria ligeira.....36

Figura 07: Foto da Ponta de lança presente no catalogo fotográfico.....37

Figura 08: Ilustração de um soldado farroupilha, portando a lança.....37

Sumário

Introdução 10

Capítulo 1: Entre lanças e tiros 13

1.1 – A Guerra da Tríplice Aliança 13

1.1.1 A invasão do Paraguai 19

1.2 A morte de Solano Lopez 24

1.3 O Museu Histórico Da Bibliotheca Pública Pelotense. 26

1.3.1 Francisco Lacerda: O Cabo Chico Diabo. 27

Capítulo 2: Pensando a prática museológica nos museus 30

2.1 Conceito de museu 30

2.2 Documentação museológica 32

2.3 Museus e identidade 34

2.4 Memória e significado 38

Considerações finais 41

Fontes primárias 46

Referências 47

Anexos 49

Introdução

Museu. Uma simples palavra que outrora remetia simplesmente a determinado local destinado à salvaguarda de elementos significativos do passado. Muito foi falado, pesquisado, trabalhado e projetado sobre como dinamizar, sistematizar e ampliar os horizontes museológicos das instituições denominadas museu. E ainda há tanto o que fazer.

Percebeu-se que muito do que já foi pensado precisa ser aplicado de forma coerente e consistente. O labor museológico é algo que certamente não encontra final / conclusão. É um trabalho com finalidade, porém não com um final propriamente dito. Um objeto musealizado é carregado de características intrínsecas e extrínsecas[1] que somente podem ser compreendidas com o devido trabalho sobre ele.

Dadas tais observações, percebemos que no Museu Histórico da Biblioteca Pública Pelotense a pesquisa museológica e consequente documentação dos resultados, para enriquecimento do discurso expositivo, podem ser vitais na transformação dele.

Com o foco direcionado ao referido museu , foi constada tal necessidade, além do encontro com objetos museológicos de valor relevante: as armas de Francisco Lacerda, mais conhecido pelo apelido, atribuído ainda em sua infância, de Chico Diabo. Tais armas, se legítimas, podem ser as que participaram do cerco ao então presidente paraguaio Francisco Solano Lopez, ferindo-o gravemente durante o último capítulo da Guerra do Paraguai (1865 – 1870).

Tais armas foram doadas ao museu em 1941 por José Bulamaque da Silva Tavares, sobrinho-neto do Coronel João Nunes da Silva Tavares[2], também conhecido como Joca Tavares. Fundado no ano de 1904 o Museu Histórico e Bibliográfico da Biblioteca Pública Pelotense é o segundo museu mais antigo do estado. Possui um acervo eclético que reúne peças referentes a história da cidade, do Rio grande do Sul e do Brasil. O Museu da Biblioteca teve três períodos distintos que marcam sua trajetória

---

[1] De acordo com Mensch (*apud* FERREZ, 1994), características intrínsecas seriam aquelas correspondentes as características morfológicas do objeto (peso, altura, cor...) enquanto as extrínsecas, aquelas de valor simbólico, o "significado" do objeto para um determinado indivíduo ou coletividade.

[2] Ver Anexo I

até os dias de hoje. Sendo os mais importantes para o nosso estudo o momento referente a atuação de Henrique Carlos de Moraes no museu (1940 – 1986) e a ocasião posterior a sua morte até os dias de hoje.

Neste trabalho busca-se justificar a ideia de que a pesquisa museológica é plenamente capaz de enriquecer o discurso sobre determinado acervo em questão.

Como fontes foram utilizadas a entrevista com o Professor Doutor Fernando Camargo, especialista em História Platina que afirma que as armas hoje no acervo do museu têm características compatíveis com as utilizadas naquele período e condições, podendo ser as que estiveram presentes no evento – e, foi também consultada, a documentação existente na instituição, como o termo de doação e as armas em si, bem como documentos do arquivo da Biblioteca Pública Pelotense. Fundamentamos bibliograficamente o trabalho com estudos já realizados na História e Museologia.

O trabalho está dividido em dois capítulos distintos sendo o primeiro uma revisão bibliográfica sobre a Guerra do Paraguai, de forma a localizar o evento no tempo, espaço e dilemas socioeconômicos do período histórico. Abordamos a chamada Guerra da Tríplice Aliança que foi o conflito mais sangrento da historia da América Latina. A Tríplice Aliança, formada por Brasil, Argentina e Uruguai, tendo como inimigo o emergente país comandado por Solano Lopez, ocorreu entre 1865 e 1870 e sua consequência foi destruição quase completa do Paraguai e o endividamento absoluto da Tríplice Aliança com a Inglaterra, principal financiador do conflito.

Foi reservado espaço especial para abordar a Morte de Solano Lopez, visto que as armas pesquisadas podem ser as que participaram do evento

Concluímos o primeiro capitulo com a apresentação do Museu da Biblioteca, sua história e trajetória, bem como a doação das armas, e de seu grande colaborador, antes como voluntário em 1933 e sete anos depois como diretor, Henrique Carlos de Moraes.

No segundo capítulo, foi pensada a pratica laboral nos museus, divida em três eixos, cada um de suma relevância. O conceito de museu, diretamente ligado a prática de adquirir, conservar, investigar, difundir e expor. A documentação museológica como mecanismo de registro das pesquisas e informações agregadas ao objeto. Os museus como formadores de identidade, principalmente considerando o no dilema das armas em questão, assim como também foi contemplado seu papel no campo da memória e significado.

Nas considerações finais, discutimos os argumentos e conceitos de forma a justificar como a pesquisa e consequente documentação podem contribuir para o museu, bem como o papel do museólogo na gestão da instituição. Foi colocada ainda uma breve reflexão sobre a importância da autenticidade (ou da não autenticidade) da ponta de lança de cavalaria ligeira e da pistola *Lefaucheux* de 12 tiros.

Capítulo 1: Entre lanças e tiros

A Guerra do Paraguai (1864-1870), também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança e Guerra Grande foi o maior confronto bélico da história da América do Sul.

Este evento foi o encerramento de uma série de quatro conflitos armados internacionais na mesma região, que ficaram conhecidos como Guerras Platinas ou Questão do Prata. Existem varias linhas historiográficas sobre a Guerra do Paraguai. A monografia que aqui se apresenta não pretende apontar nenhuma destas como corretas ou incorretas, não sendo este o propósito deste trabalho. Neste Capítulo será abordado o evento da morte do Presidente Paraguaio Francisco Solano Lopez, princípio gerador do objeto museal, hoje sob a guarda do Museu Histórico da Biblioteca Pública Pelotense.

1.1 – A Guerra da Tríplice Aliança

Ao trabalhar com este tema, torna-se importante deixar claro que este já foi exaustivamente estudado por diversos pesquisadores, entre eles Francisco Doratioto, Leon Pomer e Eduardo Galeano[3].

O Paraguai tornou-se independente em 1811, sendo governado por José Gaspar Rodriguez de Frância, o "Ditador Perpétuo", o qual deu início a um amplo processo de nacionalização da economia.

O sucesso desse plano teve início a partir da questão agrária, onde se definiu uma política que contemplasse terras aos índios e mestiços, tomados desde o início da conquista pelos colonizadores espanhóis. De acordo com (GALEANO, 1971), Frância

[3] DORATIOTO, Francisco. Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; GALEANO, Eduardo, As Veias Abertas da América Latina: tradução de Galeano de Freitas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971 (estudos latino-americano, v.12) POMER, Léon. Paraguai: Nossa Guerra contra esse Soldado. São Paulo: Global, 1984.

iniciou um amplo embate contra a Igreja Católica e os latifundiários, tomando-lhes as terras e repassando-as a valores baixos aos camponeses[4].

Ainda de acordo com o autor, por um viés nacionalista, criaram-se fazendas estatais[5], onde se praticava a agricultura, pecuária e artesanato como fontes de recurso para o fortalecimento do Estado, de modo que havia grande quantidade de trabalho para os camponeses, outrora "sem terras". O Estado ao tornar-se interventor nas relações econômicas do país atuou como gestor na produção de alimentos e manufaturados. Tais atitudes levaram a uma crescente independência econômica com relação aos outros países. Esta política era diferenciada da adotada pelos demais na América Latina, que, cada vez mais, aumentavam seus laços de dependência com as potencias imperialistas, em especial a Inglaterra[6].

Com a morte de Francia em 1840, sobe ao posto Carlos Lopez, este dá seguimento aos planos de desenvolvimento nacional que seu antecessor havia iniciado. No entanto, Carlos Lopez adota postura diferente na questão das relações comercias com estrangeiros, implantando de fora pra dentro a modernização das estruturas de base do estado. Carlos Lopez morre em 1862, e quem assume o posto é seu filho, Francisco Solano Lopez.

O Paraguai, agora sob o comando de Francisco Solano Lopez, deu continuidade as modificações nas relações exteriores. Começou a importar armamento, matéria prima e profissionais estrangeiros para modernizar o exercito e a indústria. De acordo com o historiador paraguaio Ricardo Caballero Aquino o plano de Solano era equilibrar a balança de poder na região do Prata, no entanto, o Brasil na época já era mais forte que Argentina e Paraguai juntos. A grande questão é que o Solano Lopez pretendia controlar a navegação do trecho do rio Paraguai, ferindo os interesses e acordos com os países vizinhos e, também, os comerciantes ingleses. (AQUINO, 1987) No mesmo sentido Doratioto afirma que:

---

[4] Outro aspecto da política de Frância foi o ataque ao analfabetismo. Este morre em 1840 e é sucedido por Carlos López que prossegue a política de nacionalização da economia, sendo construídas estradas de ferro, estaleiros para os barcos a vapor, fábricas de pólvora, de louças etc.

[5] Também chamadas de "Estâncias da Pátria" praticava-se o trabalho comunitário, onde metade do produto auferido ficava nas mãos dos trabalhadores e os outros 50% destinavam-se ao estado. Fonte http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=936 , acessado em 16/05/2012

[6] Embora a Inglaterra não tenha participado diretamente na horrorosa façanha, foram seus mercadores, seus banqueiros e seus industriais que se beneficiaram com o crime do Paraguai. A invasão foi financiada, do começo ao fim, pelo Banco de Londres, a casa Baring Brothers e banco Rothschild, em empréstimos com juros leoninos que hipotecaram o destino dos países vencedores.(GALEANO, 1971, pg 133)

> A Guerra do Paraguai foi fruto das contradições platinas, tendo como razão última a consolidação dos Estados nacionais na região. Essas contradições se cristalizaram em torno da Guerra Civil uruguaia, iniciada com o apoio do governo argentino aos sublevados, na qual o Brasil interveio e o Paraguai também. Contudo, isso não significa que o conflito fosse a única saída para o difícil quadro regional. A guerra era umas das opções possíveis, que acabou por se concretizar, uma vez que interessava a todos os Estados envolvidos. Seus governantes, tendo por bases informações parciais ou falsas do contexto platino e do inimigo em potencial, anteviram um conflito rápido, no qual seus objetivos seriam alcançados com o menor custo possível. Aqui não há 'bandidos' ou 'mocinhos', como quer o revisionismo infantil, mas sim interesses. (DORATIOTO, 2002, p.95 – 96).

Para Doratioto isolando o raciocínio de cada um dos lados a respeito das oportunidades do embate vê-se que Solano Lopes claramente enxergava essa disputa como uma forma de impor o Paraguai como potência regional ao ter acesso ao porto de Montevidéu, com o apoio dos *Blancos* uruguaios e dos Federalistas argentinos, liderados por Urquiza. Para o Presidente argentino era a oportunidade de solidificar o estado anulando o apoio externo aos Federalistas de Urquiza, que eram os *Blancos* e Solano Lopez.

Os *Blancos* enxergavam no embate a oportunidade de se libertarem das intervenções argentinas e brasileiras em seu território. O Império Brasileiro não esperava a guerra, mas quando iniciada foi vista como oportunidade para enfraquecer a oposição no continente e dar fim as disputas de fronteira e de livre navegação dos rios da Bacia do Prata.

> Dos erros de análise dos homens de Estado envolvidos nesses acontecimentos, o que maior consequência teve foi o de Solano López, pois seu país viu-se arrasado materialmente no final da guerra. E, recorde-se, foi ele o agressor, ao iniciar a guerra contra o Brasil e, em seguida, com a Argentina. (DORATIOTO, 2002, p.95 – 96).

Como resposta à intervenção Brasileira no Uruguai, no dia 11 de novembro de 1864, Francisco Solano López ordenou que fosse apreendido o navio brasileiro Marquês de Olinda. No dia seguinte, o navio a vapor paraguaio Tacuari cercou o navio brasileiro, que subia o rio Paraguai rumo a então Província de Mato Grosso.

Sem delongas, as relações com o Brasil foram rompidas e já no mês de dezembro o sul de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, foi invadido, antes mesmo de qualquer declaração formal de guerra ao Brasil, que só foi feita no dia 13 de dezembro. Três meses depois, em março de 1865, López declarou guerra à Argentina, que até então demonstrava neutralidade no conflito, mas não permitira que os exércitos paraguaios atravessassem seu território para combater no Uruguai e atacar o sul do Brasil. Quando as notícias chegaram aos ouvidos de Dom Pedro II no Rio de Janeiro, ainda em março de 1865, as tropas de Solano López já invadiam Corrientes (Argentina), visando chegar ao Rio Grande do Sul e ao Uruguai, onde esperavam encontrar apoio dos *Blancos*. O Uruguai, então governado por Venâncio Flores, instalado e apoiado pelo Governo Imperial brasileiro, solidarizou-se com Brasil e Argentina[7].

As forças paraguaias, apesar das vitórias obtidas na campanha da Província do Mato Grosso, não continuaram sua marcha até Cuiabá, capital da província, onde o ataque inclusive era esperado. A invasão do Mato Grosso foi uma manobra diversionista, com o objetivo de distrair a atenção do governo brasileiro para o norte do Paraguai, quando a decisão da guerra se daria no sul (região mais próxima do estuário do Prata).

A invasão de Corrientes e do Rio Grande do Sul foi a segunda etapa da ofensiva paraguaia. Para levar apoio aos *Blancos*, no Uruguai, as forças paraguaias tinham que atravessar território argentino. Em março de 1865, López pediu ao governo argentino, autorização para que o exército comandado pelo general Venceslau Robles, com cerca de 25 mil homens, atravessasse a província de Corrientes. O presidente Bartolomeu Mitre, aliado do Brasil na intervenção no Uruguai, negou-lhe a permissão. Em resposta a esta negativa, no dia 18 de março de 1865, o Paraguai declarou guerra à Argentina.

Em abril de 1865, uma esquadra paraguaia de cinco belonaves[8], descendo o rio Paraná, aprisionou navios argentinos no porto fluvial de Corrientes. Em seguida, as tropas do general Robles tomaram a cidade. Ao invadir Corrientes, López pensava obter

---

[7] Nesta primeira fase da guerra (1864-1865) a iniciativa esteve com os paraguaios. Os exércitos de López definiram as três frentes de batalha iniciais invadindo Mato Grosso, em dezembro de 1864, e, nos primeiros meses de 1865, Corrientes, na Argentina e Rio Grande do Sul.

[8] Belonave ou navio de guerra é a designação de qualquer embarcação, fluvial ou marítima, para ser utilizada em combate. Incluem-se nesta categoria vários tipos de navios, como: couraçados, fragatas, corvetas, torpedeiros, porta-aviões, submarinos, etc. Remontam á datas muito antigas, sendo que a 1ª batalha naval registrada foi a de Salamina, em 480 a.C. Extraído de http://www.dicionarioinformal.com.br/belonave/ . Acessado em 01/06/2012.

o apoio do poderoso caudilho argentino General Justo José de Urquiza, governador das províncias de Corrientes e Entre Ríos, chefe federalista hostil a Mitre e ao governo de Buenos Aires. A invasão da Argentina por López, entretanto, teve efeito oposto. Urquíza e outros federalistas argentinos simpatizavam com os *Blancos* uruguaios. As ações de López deram aos federalistas argentinos apenas duas opções: lutar contra o invasor ou continuar neutros. Urquíza, inicialmente, prometeu lutar contra López. Essa atitude ambígua assumida por Urquiza manteve estacionadas as tropas paraguaias por algum tempo, mas logo avançaram em direção ao sul, e em Maio de 1865 ocuparam a cidade de São Borja e em seguida Uruguaiana, estas não ofereceram nenhum tipo de resistência.

A primeira reação brasileira a declaração de guerra paraguaia foi enviar uma expedição para combater os invasores em Mato Grosso. Uma coluna de 2.780 homens comandados pelo coronel Manuel Pedro Drago saiu de Uberaba, em Minas Gerais, em abril de 1865, e só chegou a Coxim em dezembro do mesmo ano. No entanto Coxim já havia sido abandonada pelo inimigo.

Apesar dos esforços dessa coluna e da resistência organizada pelo presidente da província, que conseguiu libertar a cidade de Corumbá, a região invadida permaneceu sob o controle dos paraguaios. Só em abril de 1868 é que os paraguaios se retiraram, transferindo as tropas para o principal teatro de operações, a região do Prata.

No dia 1°. de maio de 1865, o Brasil, a Argentina e o Uruguai assinaram, em Buenos Aires, o Tratado da Tríplice Aliança, contra o Paraguai. As forças militares da Tríplice Aliança eram, no início da guerra, francamente inferiores às do Paraguai. As tropas reunidas de Brasil, Argentina e Uruguai, prontas a entrar em ação, eram numericamente inferiores as paraguaias. A Argentina dispunha de aproximadamente oito mil soldados, uma esquadra de quatro vapores e uma goleta[9]. O Uruguai entrou na guerra com menos de três mil homens e nenhuma unidade naval. O Brasil possuía menos de 12 mil soldados treinados. A vantagem dos brasileiros estava em sua marinha de guerra: 42 navios com 239 canhões e cerca de quatro mil homens bem treinados na tripulação. E grande parte da esquadra já se encontrava na bacia do Prata, onde havia atuado, sob o comando do Marquês de Tamandaré, na intervenção contra Aguirre.

---

[9] Pequena embarcação de origem espanhola, que possuía a vela gávea situada na proa. Era usada para o comércio em pequenas distâncias (cabotagem). A goleta tinha pouca capacidade para carga. Extraído de http://www.dicionarioinformal.com.br/goleta/. Acessado em 01/06/2012.

Em verdade, o Brasil estava despreparado para entrar em uma guerra. De acordo com (CHIAVENATO, 1987) apesar de sua imensidão territorial e densidade populacional, o Brasil tinha um exército mal organizado e muito pequeno. E isso era um reflexo claro da organização escravista da sociedade, que, marginalizando a população livre não proprietária, dificultava a formação de um exército. As tropas utilizadas até então nas intervenções feitas no Prata eram constituídas basicamente pelos contingentes armados de chefes políticos gaúchos e por alguns efetivos da Guarda Nacional. Um reforço era, portanto, necessário.

Ainda de acordo com o autor, para garantir um número de soldados suficientes o governo criou os batalhões de Voluntários da Pátria, cidadãos que se apresentavam para lutar inicialmente instigados pelo "sentimento patriótico", mas com o passar do tempo passaram a ser recrutados à força. Muitos eram escravos enviados por fazendeiros e negros alforriados. A cavalaria era formada pela Guarda Nacional do Rio Grande do Sul, única cavalaria ligeira do exército brasileiro.

Foi no setor naval que o Brasil, mais bem preparado, infligiu, logo no primeiro ano de guerra, uma pesada derrota aos paraguaios na batalha do Riachuelo[10].

Na bacia do rio da Prata as comunicações eram feitas pelos rios; quase não havia estradas. Quem controlasse os rios ganharia a guerra. Todas as fortalezas paraguaias tinham sido construídas nas margens do baixo curso (parte do rio e de sua foz) do rio Paraguai.

O Coronel Estigarribia, do exercito paraguaio, atravessou o Rio Uruguai e ocupou sucessivamente, de junho a agosto de 1865, as povoações de São Borja, Itaqui e Uruguaiana. Os contatos com o Major Duarte foram interrompidos pelo assédio de duas embarcações armadas brasileiras, comandadas pelo Tenente Floriano Peixoto, e pelo pântano que os separava[11].

---

[10] Em 11 de junho de 1865, no rio Paraná, travou-se a Batalha Naval do Riachuelo, na qual a esquadra comandada pelo chefe-de-divisão Francisco Manuel Barroso da Silva derrotou a esquadra paraguaia, comandada por Pedro Inácio Meza, cortando as comunicações com o tenente-coronel paraguaio Antônio de la Cruz Estigarribia, que estava atacando o Rio Grande do Sul. A vitória do Riachuelo teve notável influência nos rumos da guerra: impediu a invasão da província argentina de Entre Ríos, destruiu o poderio naval paraguaio (tornando-se impossível a permanência dos paraguaios em território argentino) e cortou a marcha, até então triunfante, de López. Ela praticamente decidiu a guerra em favor da Tríplice Aliança, que passou a controlar, a partir de então, os rios da bacia platina até a entrada do Paraguai. Desse momento até a derrota final, o Paraguai teve de recorrer à guerra defensiva.

[11] Ao mesmo tempo em que ocorria a Batalha de Riachuelo, uma força de 10.000 paraguaios atravessou a província argentina das Missões. Alcançando o Rio Uruguai, a força se dividiu em duas colunas e rumaram para o sul, marchando em ambas as margens do rio. O Tenente-coronel Antônio de la Cruz Estigarribia, liderou um grupo na margem leste, e o Major Pedro Duarte comandou o restante na margem

O presidente uruguaio Flores decidiu atacar a menor das forças paraguaias. Em 17 de agosto, na batalha de Jataí, na margem direita do Rio Uruguai, a coluna sob as ordens do major Pedro Duarte, a qual pretendia chegar ao Uruguai, foi então detida por Flores.

Em 16 de julho, o Exército Brasileiro chegou à fronteira do Rio Grande do Sul e logo depois cercou Uruguaiana. A tropa recebeu reforços e enviou pelo menos três intimações de rendição a Estigarribia. Em 11 de setembro Dom Pedro II chegou ao local do cerco, onde já estavam os presidentes argentino Bartolomé Mitre e uruguaio Venancio Flores, além de diversos líderes militares, como o Almirante Tamandaré. As forças aliadas do cerco contavam então com 17346 combatentes, sendo 12393 brasileiros, 3802 argentinos e 1220 uruguaios, além de 54 canhões. A rendição veio em 16 de setembro quando Estigarribia entrou em acordo em relação as condições exigidas.

Encerrava-se com esse episódio a primeira fase da guerra, em que Solano López lançara sua grande ofensiva nas operações de invasão da Argentina e do Brasil. No início de outubro, as tropas paraguaias de ocupação em Corrientes receberam de López ordem para retornar a suas bases em Humaitá. Nessa altura, as tropas aliadas estavam-se reunindo sob o comando de Mitre no acampamento de Concórdia, na província argentina de Entre Ríos, com o marechal-de-campo Manuel Luís Osório à frente das tropas brasileiras, parte destas deslocou-se para Uruguaiana, onde foi reforçar o cerco a cidade. Os paraguaios renderam-se no dia 18 de Setembro de 1865.

Nos meses seguintes, as tropas aliadas, com Mitre como comandante-em-chefe, libertavam os últimos redutos paraguaios em território argentino, as cidades de Corrientes e São Cosme. Com isso a ofensiva agora era da Tríplice Aliança. Seus exércitos já contavam mais de 50 mil homens e se preparavam para invadir o Paraguai.

1.1.1 A invasão do Paraguai

Agora fortalecidos com um efetivo significativo de soldados, os aliados lançaram-se à ofensiva. A invasão do Paraguai iniciou-se subindo o curso do rio

---

oeste. Os paraguaios encontraram pouca resistência dos argentinos na margem oeste ou dos brasileiros na margem leste. López acreditava que se conseguisse controlar o Rio Grande do Sul e chegar ao Uruguai, os escravos brasileiros iriam sublevar-se e os, recém-expulsos, *Blancos* uruguaios voltariam a pegar em armas.

Paraguai, a partir do Passo da Pátria. Sob o comando do general Manuel Luís Osório, e com o auxílio da esquadra imperial, transpuseram o rio Paraná, em 16 de abril de 1866, e conquistaram posição em território inimigo. De abril de 1866 a julho de 1868, as operações militares concentraram-se na confluência dos rios Paraguai e Paraná, onde estavam os principais pontos fortificados dos paraguaios. Durante mais de dois anos o avanço dos invasores foi bloqueado naquela região, apesar das primeiras vitórias da Tríplice Aliança[12].

O caminho para Humaitá não fora desimpedido. O comandante Mitre aproveitou as reservas de dez mil homens trazidos pelo barão de Porto Alegre e decidiu atacar as baterias do Forte de Curuzú e do Forte de Curupaiti, que guarneciam a direita da posição de Humaitá, às margens do rio Paraguai. A bateria de Curuzu foi conquistada em 3 de setembro pelo barão de Porto Alegre. Não se obteve, porém, o mesmo êxito em Curupaiti, que resistiu ao ataque de 20 mil argentinos e brasileiros, guiados por Mitre e Porto Alegre, com apoio da esquadra do almirante Tamandaré. Os aliados foram dizimados pelo inimigo: quase cinco mil homens morreram em poucas horas, na única vitória defensiva paraguaia em toda campanha. Este ataque fracassado criou uma crise de comando e deteve o avanço dos aliados.

Neste segundo período da guerra (1866-1869), os desentendimentos entre Osório e o presidente argentino, que se opunha às perseguições aos paraguaios, levou o governo brasileiro a substituí-lo. Designado em 10 de outubro de 1866 para o comando das forças brasileiras, o Marechal Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, assumiu suas funções em Tuiuti, em novembro. Encontrando o exército praticamente paralisado. Os contingentes argentinos e uruguaios vinham sendo retirados aos poucos do exército dos aliados, assolado por epidemias. Desentendimentos entre Venâncio Flores (Uruguai) e Mitre (Argentina) e problemas internos fizeram ambos se retirarem do combate e voltarem a seus países, deixando o Brasil praticamente sozinho. Na

[12] A primeira posição a ser tomada foi a Fortaleza de Itapiru. Após a batalha do Passo da Pátria e a do Estero Bellaco (dois de Maio), as forças aliadas acamparam nos pântanos de Tuiuti; em 20 de maio, onde sofreriam um ataque paraguaio. Essa foi primeira batalha de Tuiuti, a maior batalha campal da história da América do Sul e uma das mais importantes e sangrentas do conflito, foi vencida pelos aliados em 24 de Maio de 1866 e deixou um saldo de 10.000 mortos. Por motivos de saúde, em julho de 1866 Osório passou o comando do 1° Corpo de Exército brasileiro ao general Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão. Na mesma época, chegava ao teatro de operações o 2° Corpo de Exército, trazido do Rio Grande do Sul pelo barão de Porto Alegre (10.000 homens).

ausência de Mitre, Caxias assumiu o comando geral e providenciou a reestruturação do exército.

No período entre novembro de 1866 e julho de 1867, Caxias organizou um corpo de saúde (para dar assistência aos inúmeros feridos e combater a epidemia de cólera-morbo) e um sistema de abastecimento das tropas. Apesar dos esforços de Caxias, os aliados só reiniciaram a ofensiva em julho de 1867. A marcha de flanco pela ala esquerda das fortificações paraguaias constituía a base tática de Caxias: ultrapassar o reduto fortificado paraguaio, cortar as ligações entre Assunção e Humaitá e submeter esta última a um cerco. Com este fim, Caxias iniciou a marcha em direção a Tuiu-Cuê. Em 1º de agosto Mitre retornou ao comando e insistia no ataque pela ala direita, que já se mostrara desastroso em Curupaiti.[13]

Mitre então deu ordens para que a esquadra imperial forçasse a passagem em Curupaiti e Humaitá. Em 15 de agosto, duas divisões de cinco encouraçados ultrapassaram, sem perdas, Curupaiti, mas foram obrigadas a deter-se frente aos poderosos canhões da fortaleza de Humaitá. O fato causou novos desentendimentos no alto comando aliado. Mitre desejava que a esquadra prosseguisse, os brasileiros, entretanto, consideravam imprudente e inútil prosseguir, enquanto não se realizassem ataques terrestres para envolver o quadrilátero, empreitada que só aconteceu em 18 de agosto.

No inicio de 1868, com o afastamento definitivo de Mitre, que retornou à Argentina, Caxias voltou a assumir o comando geral dos aliados. Em 19 de fevereiro a esquadra imperial, Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho, depois Barão da Passagem, forçou a passagem de Humaitá. Apesar dos navios encouraçados terem ultrapassado a fortaleza, chegando a bombardear Assunção, só em 25 de julho de 1868 Humaitá é tomada após um demorado cerco[14].

Efetuada a ocupação de Humaitá, as forças aliadas comandadas por Caxias marcharam 200 km até Palmas, fronteiriça às novas fortificações inimigas (30 de setembro). Situadas ao longo do arroio Piquissiri, essas fortificações barravam o

---

[13] Embora a reestruturação do exército fosse necessária, esse tempo em que o comando da Tríplice Aliança esteve em crise possibilitou a López fortificar-se também nessa região e fechar de vez o chamado Quadrilátero.

[14] Solano López deixara Humaitá, com parte de suas tropas, em março, indo se instalar em San Fernando. Ali descobriu que alguns funcionários de seu governo e seu irmão Benigno tramavam derrubá-lo. Formado um conselho de guerra para julgar os implicados, centenas foram executados, no que ficou conhecido como o massacre de San Fernando.

caminho para Assunção, apoiadas nas Fortificações de Lomas Valentinas. Ali, López havia concentrado 18 mil paraguaios em uma linha fortificada que explorava habilmente os acidentes do terreno e se apoiava nos fortes de Angostura e Itá-Ibaté. Renunciando ao combate frontal, o comandante brasileiro idealizou, então, a mais brilhante e ousada operação do conflito: a manobra do Piquissiri[15]. López foi inteiramente surpreendido por esse movimento, tamanha era sua confiança na impossibilidade de grandes contingentes atravessarem o Chaco[16].

Na noite de 5 de dezembro, as tropas brasileiras encontravam-se em terra e, em vez de avançar para a capital, já desocupada pela população e bombardeada pela esquadra brasileira, iniciaram no dia seguinte o movimento para o sul, conhecido como a Dezembrada[17].

Destruindo o exército paraguaio em Lomas Valentinas, Caxias acreditava que a guerra teria terminado. Solano Lopez parecia fugir para exilio e então Caxias não se preocupou em organizar a perseguição do presidente paraguaio. No entanto, Solano escapará para depois improvisar um exército e continuar a resistir no interior.

No final de dezembro os novos comandantes da Tríplice Aliança (Caxias, o argentino Gelly y Obes e o uruguaio Enrique Castro) enviaram uma intimação de rendição a Solano López. Este recusou-se a ceder e, acompanhado apenas de alguns contingentes, fugiu para o norte, chegando a Cerro León.

Caxias então leva suas tropas para a capital Assunção, evacuada pelos paraguaios e ocupada em 1° de janeiro de 1869 por tropas imperiais comandadas pelo coronel Hermes Ernesto da Fonseca. No dia 5, Caxias entrou na cidade com o restante

---

[15] Em 23 dias fez construir uma estrada de 11 km através do Chaco pantanoso que se estendia pela margem direita do rio Paraguai, enquanto forças brasileiras e argentinas encarregavam-se de diversões frente à linha do Piquissiri. Executou-se então a manobra: três corpos do Exército brasileiro, com 23.000 homens, foram transportados pela esquadra imperial de Humaitá para a margem direita do rio, percorreram a estrada do Chaco em direção ao nordeste, reembarcaram em frente ao porto de Villeta, e desceram em terra no porto de Santo Antônio e Ipané, novamente na margem esquerda, vinte quilômetros à retaguarda das linhas fortificadas paraguaias do Piquissiri.

[16] O Chaco (do quechua chaku: território de caça) é uma região de aproximadamente 1.280.000 km² e compreende partes dos territórios paraguaio, boliviano, argentino e brasileiro (ao sul do Pantanal). Caracteriza-se por muitos ecossistemas e climas distintos que variam do semiárido ao norte, próximo à fronteira com a Bolívia, ao úmido no sul próximo ao Brasil. As temperaturas oscilam entre -7°C no inverno a 47°C no verão. Extraído de http://dicionario.sensagent.com/chaco/pt-pt/ . Acessado em 01/06/2012.

[17] A Dezembrada constituiu-se de uma série de vitórias obtidas por Caxias em dezembro de 1868, quando voltava em direção ao sul para tomar Piquissiri pela retaguarda: Itororó (seis de Dezembro); Avaí (15 de Dezembro), Lomas Valentinas e Angostura. As batalhas da Dezembrada exibiram espantosas mortandades dos dois lados, bem como tentativas de debandadas das tropas brasileiras, impedidas graças à presença de Caxias na linha de frente. Extraído de: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/guerra-do-paraguai/dezembrada. php#ixzz1yYKu3eX6 . Acessado em 01/06/2012.

do exército e 13 dias depois, por motivo de saúde, deixou o comando e regressou ao Brasil. A partida de Caxias e de seus principais chefes militares fez crescer entre as tropas o desânimo, com a multiplicação dos pedidos de dispensa dos oficiais e voluntários.

Começa aqui o terceiro período da guerra (1869-1870), o genro do imperador Dom Pedro II, Luís Filipe Gastão de Orléans, o Conde d'Eu, foi nomeado para dirigir a fase final das operações militares no Paraguai, pois buscava-se, além da derrota total do Paraguai, o fortalecimento do Império Brasileiro. O marido da princesa Isabel era um dos poucos membros da família imperial com experiência militar, já que na década de 1850 participara, como oficial subalterno, da campanha espanhola na Guerra do Marrocos. A indicação de um membro da família imperial pretendia diminuir as dificuldades operacionais das forças brasileiras, problema agravado pelos muitos anos de campanha, pela insatisfação dos veteranos e pelos conflitos, políticos e pessoais, que se alastravam entre os oficiais mais experientes.

Em agosto de 1869, a tríplice aliança instalou em Assunção um governo provisório fantoche aliado de contrários a Solano, encabeçado pelo paraguaio Cirilo Antonio Rivarola. O Império acelerou o processo para a formação do governo, que prometerá realizar eleições democráticas no ano seguinte e criar uma assembleia constituinte.

Solano López, prosseguindo na resistência, refez um pequeno exército de 5000 homens, a maioria velhos, crianças e veteranos seminválidos e 36 canhões na região montanhosa de Ascurra-Caacupê-Peribebuí, aldeia que transformou em sua capital. À frente de 12 mil homens, o Conde D'Eu chefiou a campanha contra a resistência paraguaia, a chamada Campanha das Cordilheiras, encerrada em 18 de agosto.

Principalmente no Brasil, após os conservadores terem voltado ao poder na câmara imperial, se tornou prioridade a reconstrução do estado paraguaio. Para este ser reconhecido, era necessária a vitória sobre Solano. O processo foi acelerado pela entrada no governo argentino, em 1868, de Domingo Faustino Sarmiento, cujos desejos expansionistas o Império do Brasil temia[18].

---

[18]Visitas periódicas aos artigos publicados no endereço http://www.ahimtb.org.br/ que pertence à Academia de História Militar Terrestre, do Ministério da Defesa brasileiro foram importantes na construção deste trabalho.

1.2 A morte de Solano Lopez

Em 12 de Agosto de 1869 o exército brasileiro flanqueou as posições inimigas de Ascurra e venceu a batalha de Peribebuí, para onde López transferira sua capital. Após a batalha de Peribebuí, o Conde d'Eu parece ter-se exasperado com a obstinação paraguaia em continuar a luta, nada fazendo para evitar a degola de prisioneiros capturados durante e depois dos combates. Na batalha seguinte, Campo Grande ou Nhu-Guaçu (16 de agosto), as forças brasileiras se defrontaram com um exército formado, em sua maioria, por adolescentes e crianças e idosos, recrutados a força pelo presidente paraguaio. A derrota paraguaia encerrou o ciclo de batalhas da guerra. Os passos seguintes consistiram na mera caçada a López, que abandonou Ascurra e, seguido por menos de trezentos homens, embrenhou-se nas matas, marchando sempre para o norte.

Dois destacamentos foram enviados em perseguição ao presidente paraguaio. No dia 1° de março de 1870, as tropas do general José Antônio Correia da Câmara, o Visconde de Pelotas, surpreenderam o último acampamento paraguaio, em Cerro Corá. Solano Lopez foi cercado por soldados brasileiros da tropa do Coronel João Nunes da Silva Tavares, aqui o Cabo Francisco Lacerda, o Chico Diabo, desfere um golpe de lança na virilha do presidente paraguaio, o golpe não o mata. Aqui a historiografia tradicional aponta que Solano tentou dispersar as tropas brasileiras para escapar, no entanto os mesmos soldados brasileiros o cercaram novamente as margens do Arroio Aquidabangui, onde mais uma vez teria sido oferecida a rendição, mas este novamente a recusaria e pronunciaria a celebre frase: *"Prefiro morrer com minha pátria"*. Eis que outro soldado gaúcho chamado João Soares então desfere o tiro derradeiro que leva Solano López a morte. Depois de Cerro Corá, as tropas brasileiras ficaram eufóricas, assassinando civis, pondo fogo em acampamentos e matando feridos e doentes que se encontravam nos ranchos.

Figura 1: Ilustração da morte do presidente paraguaio Francisco Solano Lopez, foi publicada na revista Semana Illustrada de 27 março 1870. Extraída de prolaishistoria.blogspot.com.br /2011/08/1-onhb-2-fase.html . Acessado em 01/06/2012

Não era esse o desejo do imperador D. Pedro II, que preferia ter López preso a morto. No Rio de Janeiro, a morte de Lopez foi muito bem recebida e o imperador recuperou sua popularidade que havia sido abalada pela dispendiosa guerra. Em 20 de junho de 1870, Brasil e Paraguai assinaram um acordo preliminar de paz.

1.3 O Museu Histórico Da Biblioteca Pública Pelotense.

Fundado no ano de 1904 o Museu Histórico e Bibliográfico da Biblioteca Pública Pelotense é o segundo museu mais antigo do estado. Possui um acervo eclético que reúne peças referentes à história da cidade, do Rio grande do Sul e do Brasil. O Museu da Biblioteca teve três períodos distintos que marcaram sua trajetória até os dias de hoje. Sendo os mais importantes para o nosso estudo o período referente à atuação de Henrique Carlos de Moraes no museu (1940 – 1986) e período posterior a sua morte até os dias de hoje.

> Nascido em Pelotas, em 20 de abril de 1898, com uma trajetória de vida que lhe permitiu ser expectador de inúmeros acontecimentos transformadores da história brasileira e mundial, amalgamou em si uma variedade múltipla de possibilidades que o fizeram um estudioso de formação autodidata. Os conhecimentos, que muitas vezes eram adquiridos por uma busca pessoal pela erudição, por outras ocorriam a partir de um anseio imposto por sua profissão. Historiador por paixão e museólogo por herança, Morais desenvolveu um sistemático e peculiar trabalho de organização e de gestão documental e iconográfica dentro da Biblioteca Pública Pelotense. (REZENDE, 2010, p.57).

Henrique Carlos de Morais, como bem dito pelo autor acima, fez da Biblioteca sua segunda casa no período de sua atuação como diretor do Museu (1940-1986). Embora tenha empregado práticas que hoje são consideradas obsoletas, seu trabalho enquanto diretor do museu foi de grande importância na formação de um acervo documental e museal sobre a história da região, que serve hoje como fonte para pesquisadores de diversas áreas.

Em 1941 Henrique Carlos de Moraes recebeu a doação de duas peças que estavam sob a guarda do Sr. José Bulamarque da Silva Tavares. Tratava-se de uma ponta de lança de meia lua e um revolver de tipo *lefaucheux* de 12 tiros que pertenceram, de acordo com o doador, ao Cabo Francisco Lacerda, também conhecido como Chico Diabo, soldado que ficou conhecido após o fim da Guerra do Paraguai por ter golpeado a lança o Presidente Paraguaio Francisco Solano Lopez as margens de um pequeno afluente do Rio Aquidaban.

Figura 2 e 3: Fotos das armas do Cabo Francisco Lacerda retiradas do catálogo fotográfico do Museu Histórico da Biblioteca Pública Pelotense. Autor: Luis Felipe Ribeiro.

1.3.1 Francisco Lacerda: O Cabo Chico Diabo.

Dadas as escassas informações publicadas a respeito da historia do Cabo Lacerda, aqui nos valeremos de trecho da noticia publicada por Claudio Falcão no jornal O Minuano, de circulação na cidade de Bagé, em 12/01/2009:

> José Francisco Lacerda, também conhecido pelo apelido de Chico Diabo, nasceu no município de Camaquã (RS), em 1848.

> Foi um militar (cabo) do Exército Imperial Brasileiro que lutou na Guerra do Paraguai e entrou para a história por ter matado o ditador paraguaio, Francisco Solano López, na batalha de Cerro Corá, em 1º de março de 1870.
> Chico nasceu numa família de poucos recursos e, ainda menino, empregou-se na carniçaria de propriedade de um italiano, em São Lourenço do Sul, município vizinho à Camaquã. Nesta carniçaria, ajudava a fabricar produtos como charque, linguiça e salame. Em 1863, quando contava apenas 15 anos, Chico descuidou-se da vigilância e um cachorro entrou no recinto onde estava guardada a carne, devorando alguns pedaços. Ao tomar conhecimento do ocorrido, por relato do próprio Chico, o italiano proprietário passou a agredi-lo. O menino pegou uma faca, usada no seu trabalho, e matou seu patrão. De imediato, fugiu a pé para a casa de seus pais, aonde chegou na manhã do dia seguinte, caminhando um dia e uma noite sem parar para descanso. Ao ver um vulto, ao longe, a mãe de Chico exclamou: "Garanto que é aquele diabinho que vem vindo". Por causa desta frase, ganhou o apelido de Chico Diabo, que o acompanharia pelo resto da vida.

Ainda de acordo com o artigo do jornal, a família de Chico o teria mandado para a propriedade de seu tio, Vicente Lacerda, que à época vivia em Bagé. Foi nesta mesma propriedade em 1865 que Chico foi convidado pelo Coronel Joca Tavares a incorporar um dos destacamentos dos Voluntários da Pátria que iria para a já iniciada Guerra do Paraguai. Em mais um trecho do artigo o jornalista coloca que:

> Na Guerra da Tríplice Aliança, Chico foi rapidamente promovido a cabo, celebrizou-se por haver matado, na Batalha de Cerro Corá, o ditador Francisco Solano López, com um profundo golpe de lança na virilha. O golpe foi aparentemente fatal, embora, na sequência, o soldado gaúcho João Soares, tenha alvejado López com um tiro de revólver. Ao matar o ditador, Chico teria descumprido ordens superiores, que determinavam que ele fosse capturado vivo.

Mesmo descumprindo as ordens, Francisco Lacerda recebeu do Império como recompensa pela façanha em Cerro Corá um premio de 100 vaquilhonas, vacas que não haviam dado cria, também manteve a faca de prata tomada de Solano Lopez, que tinha as iniciais FL, coincidentemente as mesmas iniciais do seu nome.

> A lança usada pelo militar brasileiro no episódio encontra-se no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. O nome de Chico ficou consagrado popularmente em uma quadrinha muito em voga na época: "O Cabo Chico Diabo, do diabo Chico deu cabo". Ao retornar do Paraguai, em 1871, Chico casou-se com uma prima, Isabel Vaz Lacerda, com quem teve quatro filhos, e trabalhou como capataz em várias estâncias. Faleceu repentinamente, no departamento de Cerro Largo, Uruguai, em 1893, quando se encontrava a serviço de Joca Tavares.

O Cabo Lacerda, como referido nos trechos do artigo acima foi uma figura que ficou conhecida por seu papel no desfecho da guerra. Fazia parte do 9º Corpo de Voluntários da Pátria[19], seu pequeno grupo de soldados do sul do estado era comandado pelo Coronel João Nunes da Silva Tavares, também conhecido como Joca Tavares, tio-avô do doador das peças, José Bulamarque da Silva Tavares.

Figura 4: Foto do Coronel Joca Tavares (terceiro sentado, da esquerda para a direita) e seus auxiliares imediatos, incluindo Francisco Lacerda, mais conhecido como "Chico Diabo" (terceiro em pé, da esquerda para a direita). Fonte: http://nphcandiota.blogspot.com.br/2011/11/jose-francisco-lacerda-o-chico-diabo.html. Acessado em 02/06/2012.

[19] O 9º Batalhão de Voluntários da Pátria era composto de voluntários de todo o Rio Grande do Sul. Tropa oriunda do então Corpo Policial da Província de São Pedro, hoje Brigada Militar, que compôs junto com Batalhões do Exército Brasileiro, a 6ª Divisão de Infantaria do Exército Brasileiro, organizada em 1866, integrante das Forças Brasileiras na Guerra do Paraguai. Extraído e adaptado de http://www.brigadamilitar.rs.gov.br/Estrutura/9bpm/historico.html . Acessado em 01/06/2012

Capítulo 2: Pensando a prática museológica nos museus

Os museus são espaços culturais destinados à manutenção das memórias coletivas, através da gestão, manutenção e difusão das lembranças, sejam de caráter histórico regional, nacional ou mesmo pessoal e institucional. Temos nos museus a oportunidade de analisar, repensar e ainda descobrir fragmentos da história, muito possivelmente esquecidos ou não explorados museologicamente. Em nosso curto período estagiando no Museu Histórico da Biblioteca Pública Pelotense, deparamo-nos com um surpreendente achado: a possibilidade das armas que participaram do cerco e morte do presidente paraguaio Francisco Solano Lopez, estarem depositadas entre o acervo da referida instituição.

Estudando os conceitos museológicos e remontando a história do evento através de uma pesquisa mais densa nas bibliografias da Guerra do Paraguai, exploramos possibilidades que tanto a ponta de lança de cavalaria ligeira como a pistola *Lefaucheux* de 12 tiros podem oferecer como objetos que remontam a história desta guerra, e hoje estão depositadas no museu.

2.1 Conceito de museu.

De acordo com o ICOM (Comitê Internacional de Museus) no documento aprovado na 20ª Assembleia Geral em Barcelona, Espanha, seis de julho de 2001[20], foi definido o museu como:

> Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.

Assim sendo, a função do Museu da Biblioteca foi cumprida em parte, uma vez que faltou até o presente momento, o aprofundamento da função investigativa. A

[20] Disponível em http://museuhoje.com/app/v1/br/menu-museus/56-definicaodemuseu. Acessado em 02/06/2012.

pesquisa dos acervos é um trabalho que pode muito bem nunca acabar, visto que muito pode ser descoberto ainda sobre as peças depositadas no museu.

Desde os pressupostos da Carta de Santiago do Chile (1972) [21] e da Declaração de Quebec (1984) [22], mecanismos têm sido elaborados para que os museus sejam locais de reflexão e interatividade com a população local. Um destes mecanismos é a ação educativa, trabalho que fica mais completo com uma profunda pesquisa a respeito dos itens de suas coleções e suas origens.

Não é o caso de censurar o museu pela falta de pesquisa e sim, de apontar a necessidade de superar essa falta. Lembramos também que o museu deve provocar o seu visitante, mas que esta provocação só pode ocorrer se houver algo a oferecer no sentido de informação sobre o acervo. O visitante tem de sentir-se estimulado, provocado a refletir sobre esse recorte de sua realidade transposto para um local de apreciação.

> A museologia é uma disciplina científica distinta e independente cujo objeto de conhecimento é uma relação específica do homem à realidade, expressa objetivamente em formas de museu variadas ao longo da história, e que são uma expressão e um reflexo parcial de sistemas de memória. A natureza da Museologia é aquela de uma ciência social; ela se liga à esfera das disciplinas científicas de documentação da memória, e contribui especificamente à compreensão da sociedade humana. (STRÁNSKÝ, 2008 p.1).

Assim Mário Chagas (1994: 97), em suas reflexões sobre os sete perigos na formação do museólogo, alerta que profissionais de museologia não devem estar presos aos objetos e sim a reflexão que eles podem e/ou devem provocar. O objeto pelo objeto é apenas pré-texto, já que o homem é o objeto do museu, e deve se colocar como agente da relação museu/exposição. Logo, a intervenção de um museólogo nessa relação deveria sempre ser decisiva e fundamental como mediadora entre a instituição e o público.

---

[21] Documento elaborado na mesa redonda de mesmo título que entre suas propostas, prima pelo modelo de museu integral. Este tenciona proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. (ICOM, 1995)

[22] Documento que institui o MINON (Movimento Internacional da Nova Museologia). O movimento tem a sua primeira expressão pública e internacional em 1972 na "Mesa-Redonda de Santiago do Chile" organizada pelo ICOM. Este movimento afirma a função social do museu e o caráter global das suas intervenções. Resumidamente sugere que o museu deixe de comunicar para público para então, dialogar com o público. (ICOM, 1995)

A questão é: tanto a pistola como a ponta de lança, podem provocar da forma esperada o visitante pura e simplesmente por ser possível contemplá-las no museu? É percebido no museu, nas visitas guiadas, que as pessoas sentem-se provocadas pelas armas. Ao vê-las, uma série de perguntas surge sobre as mesmas, pedindo esclarecimento e mais a falar sobre elas. A possibilidade de ser realmente a ponta da lança que feriu mortalmente Francisco Solano Lopez faz com que o público visitante em geral, sinta-se como encontrando uma relíquia histórica sem par, mesmo o museu não possuindo ainda (e talvez nunca), informações suficientes para afirmar que estas armas são as do Cerro Corá.

2.2 Documentação museológica.

O processo de documentação museológica é um dos grandes diferenciais entre os museus e os, praticamente extintos, gabinetes de curiosidades[23], pois estes se dedicavam tão somente a acumular itens e mais itens. O vulto e a diversidade das coleções determinava o prestígio do colecionador. Os museus se propõem a fazer mais, principalmente por reunir e pesquisar informações sobre seus acervos e registrá-las em forma documental.

Uma documentação museológica coerente e contínua permite que cada vez mais informações apareçam sobre os objetos dos acervos, e a partir daí sejam devidamente registradas, a cada produto de pesquisas.

Os processos de pesquisa e posterior documentação de seus resultados tornam-se evidentemente justificados, no trecho de Maria Cristina Cândido:

> Vale repetir que objetos só se tornam documentos quando são interrogados de diversas formas, e que todos os objetos produzidos pelo homem apresentam informações intrínsecas e extrínsecas a serem identificadas. As informações intrínsecas são deduzidas do próprio objeto, a partir da descrição e análise das suas propriedades físicas (discurso do objeto); as extrínsecas, denominadas de informações de natureza documental e contextual, são aquelas obtidas de outras fontes que não o objeto (discurso sobre o objeto). Essas últimas nos permitem conhecer a conjuntura na qual o objeto existiu, funcionou e adquiriu significado e, geralmente, são fornecidas durante a sua entrada no museu e/ou por meio de fontes arquivísticas e bibliográficas. (CÂNDIDO, 2006: 35).

[23] Os Gabinetes de Curiosidades ou Os quartos das Maravilhas designam os lugares em que durante a época das grandes explorações dos séculos XVI e século XVII, se colecionavam uma multiplicidade de objetos raros ou estranhos.

Assim como Ferrez:

> (...) o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a preservação e a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informações capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumento de transmissão de conhecimento. (FERREZ, 1994: 64)

A pesquisa como uma fonte de dados confiáveis gera a contrapartida do museu para o público. Não basta possuir uma peça provocante exposta, mesmo que ela chame a atenção do visitante, se o museu não detém informações sobre ela, a motivação pode muito bem terminar, assim como o estímulo a retornar ou visitar outros museus. Dados sobre o acervo podem assim, ampliar o interesse do público pela exposição e o registro adequado destas informações ao acesso do público seja na forma de visita guiada, seja nas legendas explicativas, podem trazer como consequência uma fidelização dos visitantes.

Portanto, o processo de documentação aliado a uma pesquisa sobre os acervos, gerando assim conhecimento a ser difundido através do diálogo expositivo, contribui para surgimento da resposta as provocações oriundas das visitações.

Como documentos temos o termo de doação do conjunto de armas supracitadas, além da legenda produzida pelo antigo diretor Henrique Carlos de Moraes que hoje não está sendo usada na exposição. Ambos trazem informações que ainda não tinham sido repassadas para o público, a não ser na forma de visita guiada. Abaixo, a legenda antiga das referidas armas. Hoje estão sem legendas.

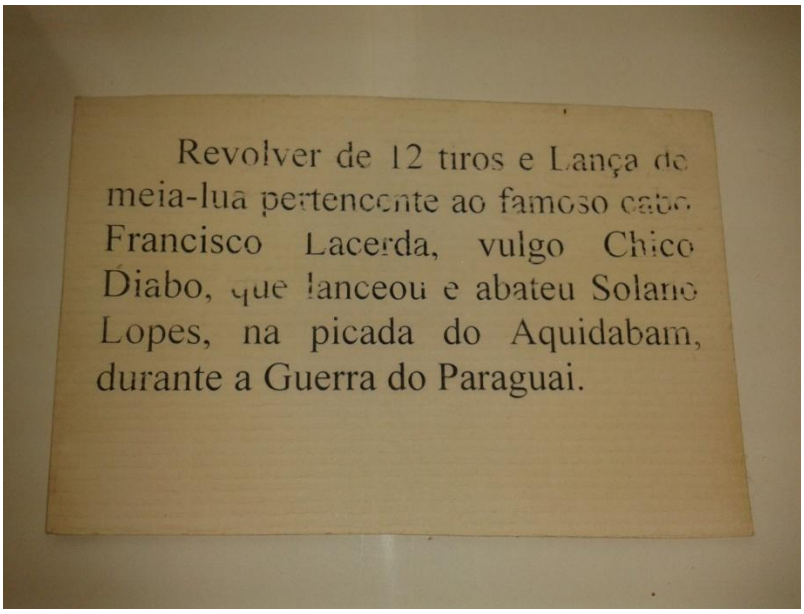


Figura 05: Foto da legenda de ambas as armas estudadas no presente trabalho. Fonte: o autor.

2.3 Museus e identidade.

Assim como a questão da organização documental das pesquisas sobre o acervo, a identificação dos visitantes com o museu é algo que muitas instituições buscam no sentido de trazer a comunidade cada vez mais para perto dos processos de construção de exposições que traduzam seus anseios e realidades, assim como a identidade local.

Tal pensamento está registrado na Declaração de Quebec, de 1984, onde foi instituído o Movimento Internacional da Nova Museologia:

> A museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico.
> Para atingir este objetivo e integrar as populações na sua ação, a museologia utiliza-se cada vez mais da interdisciplinaridade, de métodos contemporâneos de comunicação comuns ao conjunto da ação cultural e igualmente dos meios de gestão moderna que integram os seus usuários[24].

[24] Extraído de http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/quebec.htm . Acessado em 03/06/2012.

Bem como na Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972 sugeria o modelo de museu integral para uma consumação de um trabalho conjunto com a comunidade que refletisse seus anseios e necessidades, sem esquecer a identificação da comunidade com a instituição museológica. Um dos principais motivos era usar o museu como um vetor de transformação social das comunidades, através da compreensão das problemáticas, urbanas ou rurais, o museu como parceiro da população local, e claro, devidamente identificado.

> Pareceu-lhes necessário, para a solução destes problemas, que a comunidade entenda seus aspectos técnicos, sociais, econômicos e políticos. Eles consideraram que a tomada de consciência pelos museus, da situação atual, e das diferentes soluções que se podem vislumbrar para melhorá-la, é uma condição essencial para sua integração à vida da sociedade. Desta maneira, consideraram que os museus podem e devem desempenhar um papel decisivo na educação da comunidade[25].

A dúvida proposta é: como integrar o museu e a sociedade se não há ainda uma real identificação com a instituição? Como chamar o público a participar mais ativamente dos trabalhos museológicos se falta a contrapartida de informações geradas a partir do acervo que poderiam resultar desse fomento, na participação efetiva? Vemos a problemática da pesquisa museológica ineficaz ou mesmo inexistente como um entrave nas relações de aproximação entre o público e o museu. Que pode ser muito bem sanada com o apoio técnico especializado de profissional que compreenda essa deficiência como impedimento do fortalecimento das relações entre museu e sociedade na qual está localizado. Se o museu não pesquisa para dialogar sobre seu acervo, este está exposto ou salvaguardado apenas pela estética, ou mesmo por ser antigo e raro, resultando praticamente nos antigos gabinetes de curiosidades. A pesquisa museológica é um trabalho que pode ser considerado vital e ao mesmo tempo, infinito. Sempre será possível descobrir e agregar novas informações sobre determinada peça.

Quando é exposto em visitas guiadas que as armas, objeto do presente trabalho podem ser as que participaram do cerco e da morte de Francisco Solano Lopez, percebemos as mais diversas reações. A mais recorrente é a de admiração por um fragmento importante da historicidade brasileira estar tão próximo. Muitos ainda

---

[25] Extraído de http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/mesa_chile.htm. Acessado em 03/06/2012.

enxergam o museu como uma casa que abriga itens antigos somente e uma vez que se deparam com tal achado, elevam-no a categoria de relíquia.

A situação ilustrada a acima, faz com que os visitantes fiquem cada vez mais instigados e percebam o museu como um repositório de cultura e passem assim, a se identificar com um local que tem algo a oferecer em contrapartida a provocação inicial. Muitos retornam e trazem outras pessoas para ver a arma que pode ter causado a morte do presidente paraguaio.

O Dr. Fernando Camargo[26], confirma que a ponta de lança presente no museu pode ser a que participou do evento estudado, uma vez que a arma possui características da cavalaria ligeira, corpo do Exército Imperial treinado exclusivamente no Rio Grande do Sul e composto em sua expressa maioria por gaúchos.

Figura 06: Ponta de lança de cavalaria ligeira utilizada exclusivamente pelas tropas treinadas no sul do Brasil Império. Fonte: http://www.francisco.paula.nom.br/Armas%20Brasil/SecXIX/Nova_nacao/Lanca .htm. Acessado em 02/06/2012.

[26] Fernando da Silva Camargo é Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas, na área de História da América..

Figura 07: Foto da Ponta de lança de cavalaria ligeira presente no catalogo fotográfico do Museu da Biblioteca Pública Pelotense. Fonte: Luis Felipe Ribeiro.

Figura 08: Ilustração de um soldado farroupilha, portando a lança característica da cavalaria ligeira. Fonte:http://www.francisco.paula.nom.br/Armas%20Brasil/SecXIX/Nova_nacao/armas_brancas.htm Acessado em 02/06/2012.

A partir desta informação o público visitante, compreende o fato como regionalmente gaúcho (identificação regional com o acervo), surpreende-se por esta

peça estar ao seu alcance o que, como indica Moutinho (2002), gera um sentimento de posse do bem cultural resulta em identificação praticamente imediata com a instituição, sendo assim a pesquisa e documentação, agora consideradas como mais um vetor de aproximação e estreitamento das relações entre o museu e o público com quem dialoga.

2.4 Memória e significado.

Uma explanação sobre semióforo de Pomian[27] se faz necessária para uma melhor compreensão. Semióforo tem origem grega do termo semeiophoros, por sua vez composta por outras duas palavras, sendo: *semeion* – sinal ou signo, e *phoros* – trazer para a frente, expor. Sua definição não é simples nem direta. Permite perceber significados diversos atuando em campo amplo apreensíveis em dada sequência.

> [...] um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra, se for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como um pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heroica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação (CHAUÍ, apud SOARES, 2008, p. 2-3).

O valor de um semióforo está diretamente ligado às memórias que este evoca, seja no seu uso de outrora, seja no significado que ele traz no campo das representações coletivas. Para que um objeto passe a categoria de semióforo é necessário que ele saia de sua função para a qual foi feito, fazer com que deixe tudo o que ele realizava anteriormente para ser então dedicado a observação. Existe uma perda de seu valor usual para então tornar-se um centro de contemplação de determinada época e significados emergentes que são possíveis de se absorver. Ou seja, a relação do visível com o invisível.

Todo objeto resignificado nos museus pode gerar uma ampla gama de reflexões, sensações e questionamentos. Pontos até então dados como perdidos do passado podem surgir diante a contemplação e reflexão sobre certo artefato musealizado. Em poucas palavras, objetos podem tornar-se semióforos desde que

[27] Krzysztof Pomian (nascido em 1934) é um filósofo, historiador e ensaísta franco-polonês.

representem algo intermediário entre o contemplador e o invisível (tudo que ele pode evocar, principalmente no sentido de memória).

> O invisível é o que está muito longe no espaço: além do horizonte, mas também muito alto ou muito baixo. E é aquilo que está muito longe no tempo: no passado, no futuro. Além disso, é o que está para lá de qualquer espaço físico, de qualquer extensão, ou num espaço dotado de uma estrutura de facto particular. É ainda o que está situado num tempo sui generis ou fora de qualquer fluxo temporal: na eternidade. É por vezes uma corporeidade ou uma materialidade distinta daquela dos elementos do mundo visível, por vezes uma espécie de anti-materialidade pura (POMIAN, 1984, pp. 51-86).

É justamente no patamar semióforos que podemos colocar os componentes do acervo estudados. Eles não possuem somente significados de curioso ou de belo, ou mesmo fragmentos de historicidade. São detentores de memórias possíveis de exploração desde que recortadas e localizadas em espaço adequado para este fim, como a definição de coleção de Pomian:

> [...] uma colecção, isto é, qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades econômicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público (POMIAN, 1984, p. 53).

Logo, o semióforo pode estar diretamente ligado às funções de museu, que retira determinado recorte da realidade, transporta para um novo espaço e uma vez lá, através de pesquisa de seus significados e historicidade (entre outros aspectos) obtém uma nova roupagem através da sua nova função, atribuída ao invés da qual foi originalmente projetada.

Todas estas nuances são encontradas nas referidas armas, visto que a própria contemplação aliada a pesquisa realizada permite uma série de significações próprias de que se originam e são assim evocadas.

No entanto, compreende-se aqui, da mesma forma que Mitchel (2010) que há uma política de esquecimento, nas entrelinhas de uma que suscita a memória, e tal disposição também se vê na pesquisa (seja ela acadêmica, ou museológica), desta forma, os significados que imbuem os objetos, são mediados pela subjetividade do pesquisador. Sendo assim, antes de averiguar autenticidade das peças, ou a relevância deste atributo, julga-se mais interessante que as escolhas de pesquisa sejam divulgadas,

que os significados ali expostos sejam carregados não como verdades absolutas, mas sim, como alavancas dos mais diversos questionamentos.

Considerações finais

Percebemos a importância que as praticas em museus tem na difusão do conhecimento contido nesses espaços de memória. O Museu da Biblioteca Publica Pelotense tem nos seus mais de 100 anos de história uma notória trajetória de defensor da memória regional, no entanto também carrega uma serie de deficiências oriundas de práticas antiquadas que foram lá aplicadas no decorrer dessa história, e a falta de um apoio especializado no corpo de funcionários.

O acervo desse museu é muito rico e variado, mas a falta de informação a respeito de muitas peças prejudica o resultado obtido. Existe uma provocação, mas o escopo de informação acerca dessas peças gera lacunas no processo de comunicação proporcionado pelo museu. Nesse sentido aponta-se a importância de um trabalho qualificado para gestão de acervos, que compreenda uma documentação completa e constante dos objetos musealizados e um esforço de pesquisa que possa fazer jus a gama de significados dos discursos que essa entidade quer celebrar.

Neste curto espaço de tempo em que realizei estagio curricular na instituição, foi desenvolvido um processo de documentação museológica. Esse processo desencadeou a coleta de informações, primeiramente a partir de catálogos antigos do museu e após em uma densa pesquisa bibliográfica. Como o tempo era escasso, pois o trabalho não consistia simplesmente na prática de Reserva Técnica, mas eram desempenhadas pelo estagiário as funções de receber e guiar visitas ao museu, entre outras. Por isso não foi possível documentar muitas peças, mas os objetos em que esse processo foi executado tiveram uma melhora significativa de conteúdo que foi amplamente respaldada pelo publico desse museu.

Não basta somente reunir e expor determinado objeto, por mais que ele possa significar, se nada foi pesquisado ainda. É relevante que este objeto comunique amplamente seu significado, e as nuances e questões que este pode suscitar. Falamos anteriormente em como sem um trabalho forte e contínuo de pesquisa museológica um museu pode tornar-se um gabinete de curiosidades, o que seria um retrocesso. Pensando

não em priorizar, e sim em fazer com que seja colocada entre as reais necessidades do museu para a administração, o acompanhamento da construção deste trabalho foi feito com a direção do museu.

Em muitos museus ocorrem dois problemas em relação à pesquisa. Alguns se fecham para potenciais pesquisadores, sem motivo justificado, negando acesso a determinados documentos ou acervos e produções. Outros, não acompanham devidamente as produções realizadas sobre seus objetos musealizados, resultando em informação gerada que fica dispersa e o museu sem acesso às mesmas. Tanto pode ser produzido com a simples abertura e acesso que é quase incompreensível o fato de que eventualmente se negue a permissão para tais pesquisas. Conforme frisa Oliveira, os museus precisam fazer museologia:

> [...] para romper com a visão deturpada de que museus não passam de locais de coisas velhas ou mesmo símbolos sem nenhum significado para o público, a Museologia continua explorando novas formas de tornar as exposições mais atraentes e dinâmicas para seus visitantes. Aos museus de ciências nada mais justo do que poder dispor de todos os mecanismos de gerenciamento e difusão da informação, já aplicados em outras tipologias museológicas, efetivos na manutenção de tais instituições uma vez que também são – ou pelo menos, deveriam ser – locais de constante pesquisa. (OLIVEIRA, 2010, p. 44)

Quanto às armas do Cabo Lacerda, cabe aqui dizer que são peças que por si só já provocam uma reação diferente nas pessoas pela sua excentricidade, um revólver da metade do séc. XIX que dispara doze tiros desperta interesse em algumas pessoas, já a ponta de lança que é a peça mais importante do conjunto sem a informação complementar acaba passando despercebida. Quando comentado que essa arma, a lança poderia ter participado do evento da morte de Solano Lopez, em boa parte dos visitantes notamos um sentimento de posse, de deter um bem histórico e cultural em seu poder e proximidade. As pessoas gostam de sentir que parte da história está ao seu alcance. Logo percebemos que a função do museu em difundir retratos da História está funcionando e ligando pessoas que percebem o trabalho executado de divulgação dos resultados pesquisados na visita guiada como algo notadamente necessário para uma melhor compreensão admiração do que está exposto.

O surgimento dos museus de história no Brasil estava diretamente ligado à formação de uma Identidade Nacional. No Brasil isso se observa com clareza na formação do Museu Histórico Nacional, na cidade do Rio de Janeiro. Seguindo uma

tendência Europeia, que primava pela legitimação dos discursos dos Estados Nacionais, estes museus tinham como missão dar subsidio informacional a partir do seu acervo na construção dessas identidades. Dentre as peças preferidas pelo estado para erigir esses discursos estavam as relíquias de guerra, mais preciosas ainda de acordo com eram os símbolos e espólios dos inimigos derrotados. Isso era levado tão a sério pelo estado, em função de que símbolos retidos de outra pátria passam a ideia de "supremacia de uma nação sobre outra" (CASTRO, 1997, p.250).

Ainda citando (CASTRO, 1997, p.251), existiram na antiguidade clássica monumentos erguidos para cultuar as grandes vitórias militares e também espaços destinados a receber os troféus, espólios de batalha e afins, a esses espaços o autor chama de "Templos de Marte". Esses templos da cultura Greco-Romana estabeleciam uma relação de "entesouramento" desses espólios militares onde eram contemplados como semióforos, pois ali, abandonavam seu valor originalmente material e ganhavam poder simbólico sobre determinados eventos da história.

Ainda segundo Castro, essa prática de culto aos troféus militares foi passada as igrejas que, assim como esses Templos de Marte, foram depositórios destes fragmentos militares durante toda idade média e com algumas recorrências modernas, como é o caso da Igreja da Santa Cruz dos Militares, localizada na cidade do Rio de Janeiro, que recebeu após a Guerra do Paraguai algumas bandeiras paraguaias trazidas como troféus por soldados brasileiros.

No tocante aos dias de hoje essas práticas supracitadas são consideradas secundarias, mas no séc. XIX foram recorrentes na edificação dos primeiros museus modernos. Esses museus eram a evolução dos gabinetes de curiosidades, e tinham em suas exposições - além de peças ligadas a história militar - artes e ciências naturais, entre outros, mas a sua função histórica nesse momento era legitimar os discursos de identidade nacional e forjar um sentimento patriótico. Esse fenômeno é amplamente replicado para os novos Estados nacionais que surgiriam nesse mesmo período.

Os museus no Brasil também celebraram essa prática. Usa-se aqui como exemplo o Museu Histórico Nacional. A instituição formou-se, inicialmente, a partir do acervo histórico do Museu do Arsenal de Guerra e do Museu do Estado Maior do Exercito. Além deste acervo, foi feita uma coleta nas igrejas e escolas militares do Rio de Janeiro que também receberam muitas peças oriundas dos conflitos do Império, como visto anteriormente. Não estamos aqui dizendo que o Museu Histórico Nacional

se resumia a coleções de armas, o próprio Barroso foi, ao longo de seu período de gestão, diversificando o acervo, visando cada vez mais os aspectos simbólicos da nação, mas nunca colocando as coleções militares em segundo plano.

Gustavo Barroso, figura emblemática dos anais da museologia, foi o fundador deste museu, e não foi aleatoriamente que ele escolheu as peças que fariam parte do novo museu da nação. Foram escolhidas a dedo peças que simbolizavam a grandeza de ser brasileiro, uma construção metafórica dotada de patriotismo, amparada principalmente nas coleções militares dos conflitos do Império, tendo como expoentes máximos para as afirmações anteriores a espada que pertenceu a Solano Lopez e o Canhão "El Cristiano" que pertencia à fortaleza de Humaitá, e fora confeccionado do bronze dos sinos das igrejas paraguaias, na época por falta de matéria prima (CASTRO, 1997, p.252).

O Museu Histórico da Biblioteca publica Pelotense, criado em 1904, e gerido a partir de 1940 por Henrique Carlos de Moraes entra nessa lógica de discurso formador, no entanto seu foco se dá na memória e história de Pelotas e da região sul. Henrique era muito influenciado em sua prática profissional pela pessoa de Gustavo Barroso, fundador e diretor do Museu Histórico Nacional.

De acordo com Lizott (2011) a proximidade de pensamentos entre Barroso e Morais se devia um tanto ao fato de Barroso ser um importante expoente em temas museológicos à época, sendo seu livro Introdução à Técnica de Museus uma leitura obrigatória para os profissionais de museus nesse período. Para além disso, Morais também frequentou o Curso de Museus que era dado dentro do MHN no Rio de Janeiro, cuja cadeira de Técnica em Museus era ministrada pelo próprio Barroso.

Ao analisar o significado que as armas do Cabo Lacerda carregam para dentro do Museu da Biblioteca vemos aqui um elo de afirmação do discurso nacionalista. Pois como o próprio Henrique Carlos de Morais coloca em seu artigo, publicado no diário da manhã a 15 de Maio de 1983, portando "esta lança de meia lua, o citado cabo lanceou o Tirano Solano Lopez". Camargo afirma que essa imagem tirânica de Solano Lopez foi amplamente difundida tanto pela história e imprensa, como por museus durante praticamente todo o séc. XX enquanto motivo/razão para o massacre cometido durante a Guerra do Paraguai ideia também abalizada por Maestri (2009, p.4).

Com certeza, depois de tudo que aqui foi visto, uma questão fica no ar. Seria a arma do Museu da Biblioteca Publica Pelotense a arma usada por Chico Diabo no

ataque ao Marechal Solano Lopez? A maioria das bibliografias e publicações a respeito do evento apontam que esta arma estaria hoje em posse do Museu Histórico Nacional, da cidade do Rio de Janeiro. A possibilidade de que existam duas lanças que detenham a mesma carga simbólica em dois museus diferentes pode representar duas coisas. A primeira é de que uma é necessariamente falsa, a segunda é a irrelevância dessa verdade na difusão da informação que essas peças evocam.

Mário Chagas, falando sobre uma “perna de Saci”, afirma

> . O aparente paradoxo proposto pela musealização da "Perna do Moleque Saci" resolve-se quando o mito e o corpo se aproximam ou, em outros termos: quando a "Perna" é assumida como um médium ou um ponto por onde passam ou podem passar múltiplas conexões de uma rede de sentidos ainda mais ampla, ou, de modo ainda mais radical, quando a "Perna" é compreendida não como uma representação, mas como um modo de ser do patrimônio cultural Saci[28].

Neste sentido as peças aqui estudadas, as armas de Chico Diabo, só ganham significado quando referenciadas na história da morte de Solano Lopez, não sendo relevante a certeza de que as armas estiveram em combate, assim como a existência ou não existência do Saci não implica nas questões suscitadas pela perna do museu.

Não se pretende aqui discorrer acerca da autenticidade das armas em estudo - seja das que estão em posse do Museu da Biblioteca Publica Pelotense, seja as do Museu Histórico Nacional - e sim justificar toda carga de memória e representatividade que elas carregam e o sentimento de posse de um bem cultural que provocam no público visitante. Tal pensamento é fundamentado nas reflexões propostas por Chagas, visto que a musealização das armas e tudo que celebram são ideias sobre o que significam e não o objeto em si.

---

[28] Texto consultado no endereço eletrônico http://mariochagas.multiply.com/journal/item/3?&show_interstitial=1&u=%2Fjournal%2Fitem . Acessado em 25/06/2012.

Fontes primárias

CAMARGO, Fernando. Depoimento oral. Entrevistador: Gustavo Steirnagel. Pelotas, RS. 04/06/2012. 1 CD 40 minutos. Entrevista concedida como contribuição para a monografia.

FALCÃO, Claudio. Chico Diabo - Um Combatente Esquecido. In Jornal O Minuano, 02/01/2009. Disponível em http://www.jornalminuano.com.br/noticia.php?id=34285&data=&volta . Acessado em 02/06/2012;

PELOTENSE, Museu Histórico da Biblioteca Pública. Pistola *lefaucheux*. 1941. Todo em metal. Nº de registro 05.01.59;

PELOTENSE, Museu Histórico da Biblioteca Pública. Ponta de lança de cavalaria ligeira. 1941. Haste em madeira cilíndrica com ponta encravada em metal e trava semicircular. Nº de registro 05.01.58;

BACK, Sylvio. Guerra Do Brasil – Toda a Verdade Sobre a Guerra do Paraguai. Brasil. Sylvio Back. Brasil, 1987. DVD. 104 minutos;

MORAES, Henrique Carlos de. Relíquias da Guerra do Paraguai. DIÁRIO DA MANHÃ. Pelotas, 15 de maio de 1983;

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006. Segunda Edição, p.10-92.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. Do troféu de guerra ao copo de geleia: a dessacralização do acervo dos templos de memória. *In* **Anais do Museu Histórico nacional.** Vol. 29. 1997, p. 247 -262. Disponível em http://www.docpro.com.br/mhn/Bibliothecadigital.html . Acessado em 29/05/2012.

CHAGAS, Mário. **As Diabruras do Saci**. Disponível em http://mariochagas.multiply.com/journal/item/3?&show_interstitial=1&u=%2Fjournal%2Fitem . Acessado em 25/06/2012.

_____. Novos Rumos da Museologia. In **Cadernos de Museologia (2)** Lisboa: Centro de Estudos de SocioMuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1994.

CHIAVENNATTO, Júlio José. Genocídio americano: a guerra do Paraguai. 21 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

D'EU, Conde. **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul.** Vol. 61, 1º Edição, 1936.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: Teoria para uma boa prática. In: **Caderno de ensaios, nº2 Estudos de museologia.** Rio de janeiro, Minc/Iphan 1994. p. 64-73.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LIZOTT, J. S. **O culto da saudade no sul do Brasil:** a influência do pensamento de Gustavo Barroso nos Museus Histórico Farroupilha e da Biblioteca Pública Pelotense. Monografia, UFPel, 2011, p. 29 – 36.

MAESTRI, Mario. **A Guerra Contra o Paraguai:** História e Historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002] ESTUDIOS HISTORICOS – CDHRP- Agosto 2009 - Nº 2.

MICHEL, J. **Podemos falar de uma politica do esquecimento?** In: Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.3, ago.-nov. 2010 – ISSN- 2177-4129 disponível em: http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede /issue/view/8 acesso 28 Jun. 2012 .

MOUTINHO, Mário Canova. A construção do objeto museológico. In: **Anais do museu histórico nacional** nº 34, Rio de janeiro 2002. P: 227-242.

OLIVEIRA, E. R. ; DORNELLES, J. E. F. ; SOUZA, D. M. V. . **Estabelecimento de metodologia científica para análise do estado de conservação de espécimes de taxidermia artística do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter**. 1. ed. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2010. v. 1. 112 p.

POMER, Léon. **Paraguai: Nossa Guerra contra esse Soldado**. São Paulo: Global, 1984.

POMIAN, Krystof. Colecções. In: ROMANO, Rugiero (dir.). **Enciclopédia Einaudi**; Memória-História, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. v. 1. p. 51-86.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. **De Semióforos, Cotidiano e Retratos Troponômicos: Exercitando A Dideyetica**. Disponível em: http://www.labeduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/e1marsoa.pdf. Acesso em 2 de junho de 2008, p 2-3.

STRÁNSKÝ, Zbynek Z. *apud.* OJEDA, Janine *in* **Homem & realidade. O processo embrionário da criação dos museus**. Revista Museu no endereço http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1111 Acessado em 18/11/2009.

Anexos

Anexo 1 – Termo de doação das armas que pertenceram ao Cabo Francisco Lacerda. Fonte: Fundos Henrique Carlos de Morais, série Museu da Biblioteca Pública Pelotense, arquivo HCM-029.

Anexo 2 – Artigo publicado por Henrique Carlos de Morais no Diário da Manhã de 15 de Maio de 1983. Fonte: Fundos Henrique Carlos de Morais, série artigos para jornais, arquivo HCM-001cx

BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE

FUNDADA EM 1875

Praça Coronel Pedro Osório, 103 — Pelotas — R. G. Sul

N. XIII-X
Pertence ao Museu da Biblioteca Pública Pelotense

(Arquivo do Museu)

- GUERRA DO PARAGUAI -

ARMAS QUE PERTENCERAM AO CABO LACERDA, VULGO " CHICO DIABO "

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO Nº 8 e 9

Com esta lança de meia-lua, o citado Cabo lanceou o tirano Solano Lopes, na-
Guerra do Paraguai. Doador Senhor José Bulamarque da Silva Tavares. Pelotas.

HISTORICO:-

DOCUMENTO DE DOAÇÃO:

Faço doação ao Museu Historico da Biblioteca Pública Pelotense de um velho revolver de doze tiros e uma lança de - meia-lua, que foram sempre conservados como verdadeiras - preciosidades historicas, primeiramente por meu avô Joaquim da Silva Tavares, Barao de Santa Tecla, em cuja estancia em Bagé morreu, como empregado, o famoso cabo Francisco Lacerda, mais conhecido por Chico Diabo, e posteriormente por meu falecido pai Eduardo da Silva Tavares. Estas armas pertenceram a Chico Diabo, e foi, segundo afirmava meu pai, com a lança acima referida que o cabo Francisco Lacerda lanceou e abateu Solano Lopes, na picada do - Aquidabam.
Francisco Lacerda nasceu e criou-se na estancia de meu bisavô General Joao da Silva Tavares, Visconde de Serro Alegre no municipio de Bagé, e foi ordenança na guerra do - Paraguai de meu tio avô entao Coronel Joao Nunes da Silva Tavares, até o episodio de Aquidaban.

ass: Pelotas, 19 de Novembro de 1941
José B. da Silva Tavares

FIRMA RECONHECIDA:

Firma reconhecida: Notario de Pelotas, Snr. Alberto Vianna Moreira. Em testemunho da Verdade A.M. Notario
Pelotas, 19-11-1941

NO VERSO LÊ-SE O SEGUINTE: -

Este documento recebi de mão propria do spr. José B. da Silva Tavares na sua residência a rua Barao de Santa Tecla nesta cidade de Pelotas, no dia 19 de novembro de 1941 ás 14 e meia hora da tarde deste mesmo dia. Junto recebi de suas maos a lança e o revolver que pertenceu ao cabo- Francisco Lacerda, mais conhecido por " Chico Diabo " para o museu da nossa Biblioteca Pública Pelotense. Pelotas 19 de XI - 1941. Ass:- Henrique Carlos de Morais. Diretor do Museu.

FOTOCOPIA:-

Autêntico, para devidos efeitos, ser esta fotocópia extraida de documento pertencente ao arquivo historico da Biblioteca Pública Pelotense.
Pelotas, 19 de Março de 1971

Henrique Carlos de Morais
Diretor do Museu

N. VII-IX
Pertence ao Museu da Biblioteca Pública Pelotense

Diário da Manhã

Pelotas, 15 de Maio de 1983

Reliquias da Guerra do Paraguai

COLABORAÇÃO- ARQUIVO DA CIDADE

Documentação registrada em cartório, com data de 19 de Novembro de 1941, pelo distinto conterrâneo José Bulamarque da Silva Tavares e doada ao museu histórico da Biblioteca Pública Pelotense.

El-lo:

É do seguinte teor: "GUERRA DO PARAGUAI".

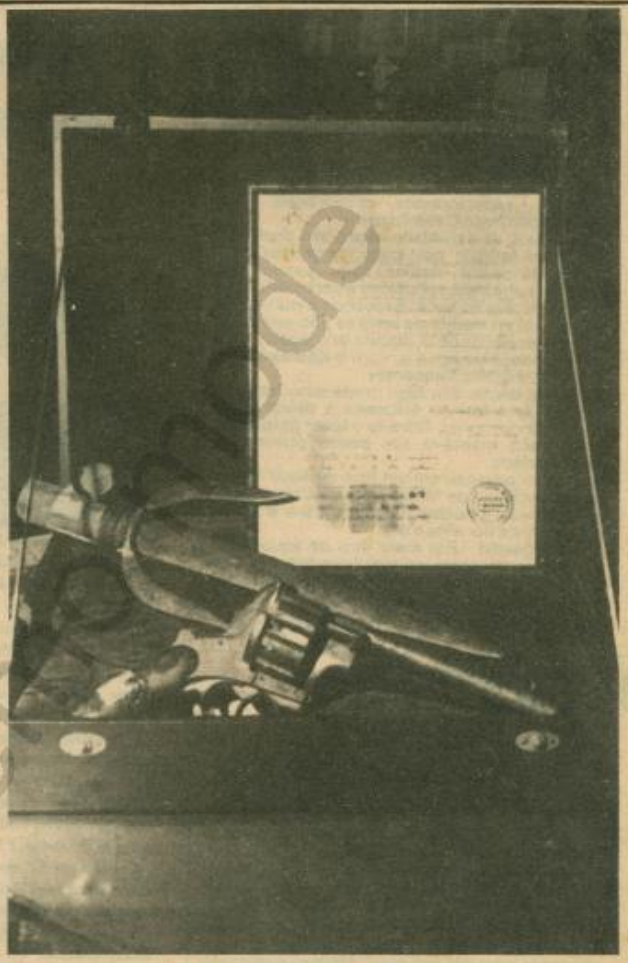
"Armas que pertenceram ao cabo Francisco Lacerda, vulgo Chico Diabo. Com esta lança de meia-lu a, o citado cabo lanceou o tirano Solano Lopes, na Guerra do Paraguai. Um velho revolver de doze tiros, que foram sempre conservados como verdadeiras preciosidades históricas pelo então Barão de Santa Tecla, Joaquim da Silva Tavares, em cuja estância, em Bagé, morreu, como empregado o famoso cabo Francisco Lacerda, que lanceou e abateu Solano Lopes, na Picada do Aquidabam. Francisco Lacerda nasceu e criou-se na Estância do Visconde de Cerro Alegre, então general João da Silva Tavares, no Município de Bagé".

"Pelotas, 19 de Novembro de 1941

as. José Bulamarque da Silva Tavares"

HENRIQUE CARLOS DE MORAIS
ABRIL 1983

GUERRA DO PARAGUAI- LANÇA DE MEIA-LUA E REVOLVER NAGA- DO CABO LACERDA



GUERRA DO PARAGUAI

Estojo de veludo, e quadro com documentação de doação e contendo lança de meia-lua, e revolver nagã - do Cabo Lacerda.

BIBLIOTECA PUBLICA PELOTENSE